

Céu Astrológico

Na noite de Samhain, Sol, Mercúrio e Vênus estarão no signo de Escorpião, o que favorece o contato com o nosso emocional mais profundo e poder de cura e renovação desse signo. Portanto, pode-se aproveitar essa energia para acessar medos, dores e bloqueios gerados por situações como as de traição, decepção, desilusão e desconfiança. O céu astrológico nos ajuda a entrar em contato e transformar esses sentimentos e memórias em força de proteção, para não se expor novamente; de renovação, para seguir adiante com mais sabedoria; e de autossuperação, ao acessar a força necessária para enfrentar os obstáculos.

Também é um momento adequado para perceber quais são os ciclos que precisam ser finalizados e o que é necessário desapegar, pois a energia de Escorpião tem uma relação intensa com os ciclos de morte e renascimento, como no exemplo da semente enterrada que precisa acessar a sua força para, em seguida, brotar.

A presença de Mercúrio no signo de Escorpião também pode ser utilizada para acionarmos nossa força mental e compreender o seu funcionamento interno, o porquê dos medos, a origem de alguma limitação auto imposta e, a partir desse mergulho em si, traçar estratégias de superação, de fortalecimento do poder

pessoal e ganhar ímpeto para enfrentar os desafios da vida.

Durante o primeiro decanato de novembro, Marte em Libra estará em quadratura com Plutão em Capricórnio, sendo Marte e Plutão os regentes do signo de Escorpião. Esse aspecto desarmônico traz alguns desafios, entre eles estão a importância de tomar decisões de forma racional e a partir do seu ponto de equilíbrio, e a de ter a persistência necessária para seguir com seus projetos e sua evolução. Muita atenção para não cair na armadilha de atropelar os outros: evite o “eu sei a opção que será melhor para todos”. Busque um espaço para a escuta ativa e segure um pouco a ansiedade ao ter que esperar o tempo do outro. No início do mês de novembro, Mercúrio entra em movimento retrógrado, o que costuma trazer alguns embaraços em questões que envolvem documentação, combinações, uso da tecnologia e os demais assuntos relacionados a esse astro. Portanto, atenção redobrada aos contratos; aos horários; à documentação necessária para viagens às mensagens passadas para as outras pessoas ou grupos - principalmente quando o meio utilizado for o eletrônico -; e às informações que chegam por meio de alguma pessoa, mas que dizem respeito a uma terceira pessoa.

É sempre bom lembrar-se da importância de utilizar a escuta e a leitura amorosa, pois as mensagens que chegam, ao serem recebidas, ganham o “tom” que vem da interpretação de quem está ouvindo ou lendo e que pode não ser o tom da intenção do mensageiro. Outro comportamento que pode ser mais frequente por conta da influência desse movimento de Mercúrio em Escorpião é a cobrança em relação a algo que foi alertado, mas que alguém se recusou a ouvir ou a seguir. Mercúrio voltará ao movimento direto no dia 21 de novembro. Para aquelas que sentirem o chamado de trabalhar um pouco mais os processos acessados no momento do Samhain, recomenda-se aproveitar a energia da Lua Cheia que acontece no dia 12 de novembro para perdoar e dissolver os sentimentos ruins gerados por uma situação mal resolvida no passado. Isso pode ser feito ao resgatar na memória a lembrança dessa situação, perceber qual foi o seu papel nesse contexto, qual foi o papel do outro (caso a situação envolva outra pessoa), se perdoar para, em seguida, perdoar também os demais envolvidos e, dessa maneira, desmanchar esse “nó” e liberar a energia que lhe pesava.

www.seguindoestrelas.org

<http://youtube.com/seguindoestrelas>

Por Léa Mariz



Samhain: o culto dos ancestrais

Por Mirella Faur

“Eu vivo, porém não viverei para sempre. Somente a Mãe Terra vive eternamente”...

Canção dos índios Kiowa

A morte faz parte do ciclo da vida, assim como o dia alterna-se com a noite, a luz com a sombra. A sombra da proximidade da morte nos permite compreender e respeitar o delicado equilíbrio da vida. Assim, seremos capazes de aceitar a continuidade da vida nos nossos descendentes, pois nós também somos a continuação da linhagem ancestral. As gerações nascem, crescem, florescem, amadurecem e decaem, feito frutos de uma mesma árvore, transformando-se no adubo rico necessário para a próxima colheita.

A veneração dos ancestrais mantém viva a conexão entre as gerações, os vivos reconhecendo e agradecendo àqueles que trilham antes os caminhos, abrindo portas e deixando o legado das suas experiências e realizações.

De uma forma ou de outra, todas as antigas culturas do hemisfério Norte reverenciavam os mortos, com celebrações e oferendas realizadas no final do outono, quando a própria natureza entrava em declínio. Festejavam-se ao mesmo tempo a última colheita, o abate dos animais para garantir a sobrevivência humana durante os meses de inverno e a lembrança daqueles que tinham passado para o mundo dos espíritos, ao longo do ano.

Os nomes das comemorações



dos ancestrais variavam de um país para outro – “Pitra Visarjana Amavasya”, na Índia; “O Dia das almas errantes”, no Tibet; “Festival Obon”, no Japão; e “A festa dos fantasmas famintos”, na China. Na África, em Daomé (atual Benim), celebrava-se “colocar a mesa”; na Sicília, na festa dos “I Morti” as mesas eram postas com “armuzzi” – “as mãos do morto” modeladas em massa de pão, enquanto no resto da Itália os doces de clara de ovo com amêndoas e açúcar eram chamados de “ossi di morti”. No México, até hoje, os familiares fazem piquenique nos cemitérios, levando para os túmulos enfeitados com guirlandas de calêndulas os pratos e as bebidas preferidas dos falecidos.

O dia de Los Muertos mexicanos não é uma comemoração macabra ou grotesca, mas uma maneira alegre, divertida e espontânea de reconhecer a

inevitabilidade da morte. Ela aparece nos brinquedos das crianças (representada como soldado, herói, policial, médico, dentista, jogador de bola, professor, noivo ou noiva), nos enfeites de açúcar e nos doces, modelada como caveira ou esqueleto e nas “calaveras” – cartões e imagens de caveiras coloridas com dizeres engraçados trocados entre os amigos. Todos têm um esqueleto, todos vão acabar no cemitério, portanto, é melhor se acostumar desde criança com esta realidade. As datas dos festivais dos mortos também diferiam de uma cultura para outra. No Egito, a baixa do Rio Nilo, em novembro, marcava o início de “Isia”, a celebração de seis dias que lembrava a morte do deus Osíris. Procissões, drama sagrado, cânticos e danças reencontravam a sua morte e ressurreição, bem como a celebração do retorno das almas para visitar seus familiares. Lamparinas iluminavam suas antigas moradias e os caminhos para orientá-las, os templos e as casas eram enfeitados com flores e oferendas de comidas e bebidas.

Do Egito, este costume se espalhou pela Europa e foi preservado e adaptado pelos povos celtas. Por serem povos pastoris, os celtas dividiam o ano em duas estações: o verão, quando o gado era levado para os pastos, e o inverno, quando era trazido de volta.

Deusa Viva

Um Informativo do
Círculo de Mulheres Teia de Thea

Expediente:

Edição: Shirley de Medeiros
Diagramação: Stella R. da Matta Machado
Textos: Mirella Faur, Shirley de Medeiros e Léa Mariz
Imagens: Internet

Informações:

www.teiadethea.org
(61) 98233-7949

Próximos Rituais

Plenilúnio: Celebração da Mulher Amarela

12 de novembro (terça-feira)
.. somente para mulheres ..

Plenilúnio: Celebração de Coatlicue

12 de dezembro (quinta-feira)
.. somente para mulheres ..

Celebração do Solstício:

O Fogo Sagrado da Família

21 de dezembro (sábado)
.. aberta, também, para os homens ..



Samhain

Festival celta dos mortos celebrado no dia 31 de outubro, considerado o primeiro dia de inverno e o início do Novo Ano. Neste dia, os véus entre os mundos se tornavam mais tênues, as almas transitavam mais facilmente de um lado para outro. Além dos familiares mortos, outros seres se manifestavam nesta noite – fadas escuras, elfos, almas perdidas, espíritos zombeteiros. Para se protegerem deles, os celtas usavam máscaras de animais e acendiam fogueiras nas colinas para guiarem os espíritos dos seus ancestrais de volta para suas antigas casas, enfeitadas com lamparinas de abóbora ou nabo colocadas nas janelas e nas portas.

Durante séculos, o cristianismo tentou, em vão, suprimir os festejos de três dias do Sabbat Samhain. Por não conseguir, apelou para o sincretismo religioso, criando o Dia de Todos os Santos e o Dia de Finados, sobrepondo a data cristã ao antigo festival pagão.

Os milhões de emigrantes europeus (principalmente irlandeses que estavam sem meios de sobrevivência após a grande fome de 1846) levaram para sua nova pátria – os EUA – seus costumes e práticas ancestrais.

Surgiu, assim, a festa profana de Halloween, pela metamorfose dos significados antigos (máscaras, fantasmas, lanternas, comidas), disfarçados em apresentações caricaturais (bruxas, chapéus pontudos, perucas coloridas, vassouras, antenas de abóboras, caça aos doces – este costume sendo uma reminiscência do hábito antigo de dar esmolas aos pobres e comida para as almas). O comércio e Hollywood contribuíram, em muito, para tornar o antigo festival Samhain em festa folclórica, infantil ou em um simples baile de máscaras.

Mesmo assim, alguns povos ainda preservam de forma autêntica as tradições dos seus ancestrais. Os nativos norte-americanos celebram até hoje, na primeira lua cheia após o solstício de inverno, o retorno dos Kachinas – os espíritos dos seus antepassados, com o Festival Soyal, que inclui danças com máscaras, fogueiras e oferendas.

Sântandrei na atual Romênia (antiga Dácia) era uma celebração com data fixa (30 de novembro), dedicada a um antigo deus daco, protetor dos lobos, transformada pela igreja ortodoxa no dia do Apostolo André. Antigamente, esta data coincidia com a Brumália romana e as Dionisíades gregas, festas com muitas comidas, danças e bebidas. Era considerada “a Noite dos

Strigoi” (vampiros), tanto dos vivos – os espíritos que saíam dos seus corpos durante o sono – como dos mortos, que abandonavam seus túmulos, visando criar sofrimentos aos seres humanos e animais. Acreditava-se que durante esta noite, os mortos vivos, strigoi e almas errantes podiam perambular à vontade, tirando o leite dos animais e a virilidade dos homens, espalhando doenças e malefícios ou brigando entre si. Deste amálgama de informações e costumes, cada pessoa pode criar uma homenagem pessoal para seus antepassados, seja criando um pequeno altar na sua casa (colocando fotos, objetos, lembranças no canto especificado pela sabedoria Feng Shui), seja preparando um pequeno altar externo (como na Tailândia), usando uma miniatura de casa (como uma gaiola de pássaros), pintada com símbolos que propiciem o renascimento para “repcionar” os visitantes do Além. Alternativa diferente é seguir o costume vigente, levando flores para seus túmulos, encomendar um culto ou visualizá-los envoltos pela Luz Maior. O importante é reconhecer o seu legado, reverenciar a linhagem ancestral, preservar as tradições antigas e honrar sua sabedoria lembrando a frase de Kahlil Gibran: “Todos os que viveram no passado vivem em nós agora. Que possamos honrá-los como hóspedes valiosos”.

* Trechos do texto editado

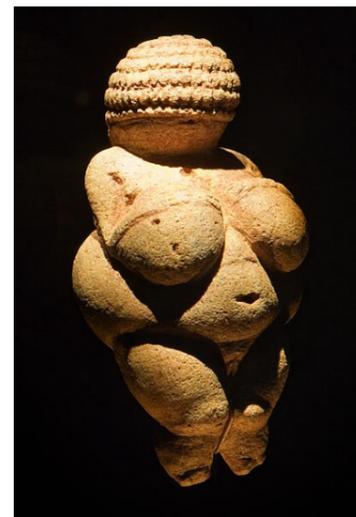


Corpo&Sagrado

Outubro Rosa Seios:

“Eu sou meu território sagrado de alimento e nutrição”

Vulcões em erupção. É com esse título que a autora do livro “Ginecologia Natural”, Pabla Martín, inicia o capítulo que trata sobre os seios femininos. Os dados sobre o câncer de mama e a extensa campanha de prevenção à doença que sempre ocorre neste mês, o “Outubro Rosa”, é uma oportunidade para refletirmos sobre o problema: cuidar da saúde deste território sagrado que são nossos seios vai muito além de tocá-los procurando algo errado. Cuidá-los requer uma profunda conexão. Como vulcões, a potência de nossos seios pulsa em energia que pode transbordar em prazer, sensibilidade e alimento. Eles se transformam constantemente e são companheiros inseparáveis dos ciclos físicos de uma mulher – como puberdade, excitação, menstruação, gestação, lactação e menopausa. São rios de sensação para nós e expressão pura da força da natureza quando alimentam crianças dando continuidade à vida. Acredito que não seja à toa que estejam localizados ao lado do chakra cardíaco.



Fonte: Venus Natural History Museum, Vienna, Austria

A força simbólica dos seios na sociedade ocidental é tão impactante que mexe constantemente com nós mulheres desde a pré-adolescência. Mal começam a desabrochar e o mundo já quer controlá-los, tocá-los, moldá-los, desfrutá-los, assim como fazem com as mulheres. Precisamos olhar para isso se quisermos estabelecer uma relação honesta também com essa parte do nosso corpo e a pulsação do feminino em nós. Desses vulcões podem emergir também materializados sentimentos, emoções, conteúdos que estamos cultivando lá nas profundezas, sejam positivos ou negativos, trazendo saúde, prazer, abundância de leite ou doenças e desequilíbrios.

Pense em como construiu a sua relação com os seus seios. Como essa parte do corpo foi tratada pelas mulheres da sua família? Que imagem vem para você? É de cuidados positivos, de maternidade, fartura, nutrição, amor, aconchego? Ou de dor, abuso, vergonha, repulsa? Será que a sua conexão com eles é apenas estética, sobre como agradam e dão prazer aos parceiros, se o formato satisfaz ou será que você “nunca pensou nisso antes”?

Se, simbolicamente na sociedade e nos mitos da Grande Mãe, os seios são representação de alimento, maternidade, aconchego e sensibilidade, como estamos nutrindo essas facetas em nós? Você examina, toca, acaricia, olha e aceita os seus seios? Talvez, apenas a partir de uma reconexão profunda com essa parte de nosso corpo poderemos começar a falar em “saúde dos seios”.



Autocura – No mesmo livro, a autora cita a massagem dos seios indicada pela Medicina Chinesa. Massageando com óleo e movimentando a energia dos seios você pode dissipar as tensões ali carregadas pelo chakra cardíaco ou energias negativas voltadas para o seu feminino, aliviar a circulação estagnada pelo sutiã, ativar sua sensibilidade e prazer, estimular o timo, além de ser um momento de autocuidado e de conexão com toda a força ancestral que eles simbolizam. Se esse momento virar um hábito, rapidamente você vai identificar e notar quando algo físico ou energético estiver errado.

Ao se reconectar de forma consciente com os seus seios, você também pode utilizar afirmações que ressignifiquem esta relação a partir de sua história pessoal. Costumo usar a frase “Eu sou meu território sagrado de alimento e nutrição”. Cuide-se por inteiro!

www.asabida.wordpress.com
Instagram: a_sabida

Por Shirley de Medeiros



Deusa Escura



Ouçá-me e conheça-me assim como Eu Sou,
Acompanho-te desde o nascimento e chamo-te ao fim da jornada,
Em meus braços, encontra-se o merecido repouso após terminarem suas missões.

Sou o ventre que dá a vida a todas as coisas, mas sou também o túmulo vazio e silencioso.
Sou a feiticeira indomada, a Tecelã dos Mistérios dos Tempos, a Regente da Hora Mágica.
Sou a profundidade aveludada do céu noturno, a névoa da meia-noite que guarda os segredos.
Sou amante sedutora que inspira os sonhos dos poetas.
Sou a erva do campo, o peixe na corredeira, o lago na planície, a flecha pronta para a batalha.
Sou a espada brilhante que te protege do mal. Conheço o fio afiado da lâmina e a palavra.
Sou a forja incandescente que transforma seus demônios interiores em ferramentas de poder.
Abra-te ao meu abraço e supera as suas resistências.
Sou o fogo cujo beijo desfaz correntes.
Sou a Justiça temperada com Compaixão.

Meu caminho espiralado é a própria existência.
Conheço a idade da Lua e onde o Sol repousa.
Mas, acima de tudo sou parte de ti e existo dentro de ti.
Procura-me dentro e fora, e te tornarás mais forte.
Conheça-me e possa caminhar entre os Mundos.
Toma a minha lanterna e ousa desbravar a escuridão para que desperte para o equilíbrio,
a iluminação e a integração.

Nada morre, que não renascerá. Nada existe, que não vá morrer.

Leva meu Amor contigo e encontra em meu caldeirão,
a Magia e o Poder para ser aquela que queres ser.

** Por Jakeline Mendes de Abreu
Inspirado em passagens dos livros "Círculos Sagrados para mulheres contemporâneas" e
"As Faces Escuras da Grande Mãe", de Mirella Faur*